

Religião e sustentabilidade: meio ambiente e qualidade de vida

Religion and sustainability: environment and quality of life

Magnólia Gibson Cabral da Silva¹

Resumo

O presente trabalho estabelece a conexão entre as ideias religiosas e científicas a respeito da relação ser humano/natureza e seus efeitos sobre o meio ambiente. Partimos do pressuposto de que as antigas tradições religiosas e filosóficas representam uma fonte inesgotável de conhecimento para compreensão desta relação, bem como, para a determinação das ações humanas sobre o planeta. Argumentamos que todos teríamos muito a ganhar se os cientistas preocupados com a questão ambiental considerassem os ensinamentos ancestrais a respeito da relação ser humano/natureza para descobrir as razões pelas quais eles foram estabelecidos.

Palavras-chave:

Ciência.

Religião.

Meio ambiente.

Abstract

This work deals with the connection between religious and scientific ideas, regarding the human being/nature relationship and its effects on the environment. The basic idea is that the old religious and philosophical traditions represent an inexhaustible source of knowledge for both comprehension of such relationship, and determination of the human action in the planet exploration, as well. The main argument is that there will be a gain for everyone if the scientists, who have concerns about the environment question tried to consider the ancestral civilizations teachings for understanding the relationship between human being and nature.

Keywords:

Science.

Religion.

Environment.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). Atualmente é professor Associado Nível II da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento, turismo cultural sustentável, turismo sustentável, misticismo, esoterismo, religião, esoterismo cultura misticismo e sociologia. Email: magnoliagib@gmail.com

1 Introdução

Embora a questão ambiental esteja na ordem do dia e o papel da religião tenha sido fundamental para a sobrevivência humana nas sociedades antigas em todo o mundo, ainda é muito pouco discutida a conexão entre as ideias religiosas e a relação ser humano/natureza.

A esse respeito, concordamos com Eliade (1969) quando chama a atenção do filósofo e do homem cultivado em geral para certas posições espirituais, ainda que ultrapassadas em muitas regiões do mundo, “são instrutivas para o nosso conhecimento do homem e para a própria história humana” (ELIADE, 1969, p. 13).

Sabe-se que, desde épocas imemoriais até os nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva e do papel do ser humano no universo.

Com efeito, as antigas tradições religiosas e filosóficas encerram importantes ensinamentos sobre o ser humano e sua

relação com o cosmos. Inúmeros estudiosos hoje reconhecem que o conhecimento científico enriqueceria bastante se considerasse mais seriamente os ensinamentos ancestrais (SILVA, 2007).

O presente trabalho estabelece a conexão entre ideias religiosas, filosóficas e científicas a respeito da relação ser humano natureza e os efeitos dessa relação sobre o meio ambiente, tanto no que se refere à saúde individual como à preservação ambiental.

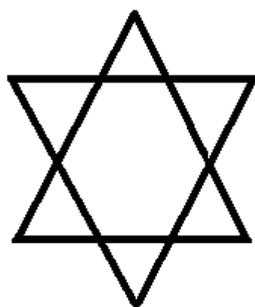
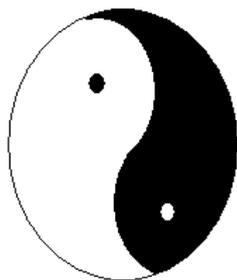
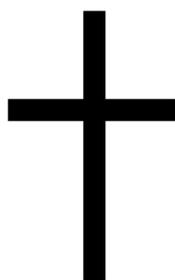
Partimos do pressuposto de que as antigas tradições religiosas representam uma fonte inesgotável de conhecimento para compreensão desta relação, bem como para a determinação das ações humanas sobre o planeta. Argumentamos que os cientistas modernos - a exemplo de Stahel (1995), e Lynn Whithe Jr. (2003) que retomamos aqui - só teriam a ganhar debruçando-se sobre os antigos ensinamentos religiosos e filosóficos a respeito da questão.

2 Tradição e natureza

Todas as religiões ancestrais forneceram ensinamentos e orientação para exploração correta da natureza, visando à preservação da vida, da saúde e do meio ambiente, porque dela dependia a vida humana. De fato, na sua origem, todas as religiões foram importantes para o estudo sobre a harmonia e as tênues nuances do equilíbrio do universo.

Os símbolos da cruz, no cristianismo, do (tao) no taoísmo e a estrela de Davi no

judaísmo, contariam a mesma história, com duas linhas, duas partes de um círculo, dois triângulos. Cada um deles fala de duas forças em equilíbrio que se fundem infinitamente para produzir todas as coisas no universo (OHSAWA, 1979, p. 15).



Em termos de ecossistema planetário, esse equilíbrio depende, muito fortemente, da relação homem natureza, daquilo que é produzido e consumido, bem como das formas de exploração utilizadas para este fim.

Consoante Ohsawa, a finalidade das cinco grandes religiões milenares, inventadas no Oriente, antes de tudo, parece ter sido a de salvar o ser humano de suas “quatro maiores aflições fisiológicas” (o sofrimento de viver, o sofrimento da doença, o sofrimento da velhice e o sofrimento da morte). Nesse sentido, elas se constituíam verdadeiros ‘tratados’ nos quais as pessoas deveriam buscar orientação para conseguir a saúde, a longevidade e manutenção da juventude, que constituiriam a base

fundamental para se encontrar a felicidade e a liberdade (OHSAWA, p. 9).

Era com base nesses ensinamentos que a sociedade tradicional, na sua constante preocupação com a estabilidade, procurava harmonizar-se com o tempo da natureza, adequando o tempo social ao tempo biosférico.

O mito do eterno retorno (ELIADE, 1995) central nas sociedades arcaicas, longe de ser uma concepção ingênua, refletia essa busca constante de estabilidade. Para Eliade,

A diferença mais importante entre o homem das sociedades arcaicas e tradicionais e o homem das sociedades modernas com sua forte marca de judeu-cristianismo encontra-se no fato de o primeiro sentir-se indissolúvelmente vinculado com o cosmo e os ritmos cósmicos, enquanto que o segundo, insiste em vincular-se apenas com a história (ELIADE, 1969, p. 14).

Segundo os ensinamentos ancestrais, o equilíbrio do ecossistema inclui, além das formas de exploração da natureza, uma dieta alimentar apropriada ao clima e à estação. Foi com esse intuito que os antigos essênios e hindus desenvolveram elaborados sistemas alimentares como a macrobiótica e o vegetarianismo.

A macrobiótica é uma ciência alimentar que os zen-budistas utilizavam há mais de cinco mil anos atrás, a fim de atingir um perfeito estado de equilíbrio físico e mental. A macrobiótica (‘macro’ grande e ‘bio’, vida) busca estabelecer a harmonia entre ser humano e natureza. Seu objetivo é levar o organismo humano trabalhar de acordo com as funções biológicas e naturais (BOMTEMPO, 1977, p. 7).

De acordo com essa visão, há uma ligação profunda entre todas as coisas no universo. O ser humano não é separado da natureza. O microcosmo (ser humano) estaria

subordinado às mesmas leis impostas ao macrocosmo (universo), e todos os acontecimentos influenciariam mutuamente os dois planos. Ou seja, a natureza age sobre os seres humanos, assim como estes agem sobre a natureza, modificando-a e sendo modificado por ela (FERREIRA, 1985, p. 9).

Segundo a macrobiótica, viver em sintonia com o ambiente é mudar quando este muda, estar em harmonia com cada estação e com cada dia. A orientação correta para estar em harmonia está exposta nos ensinamentos religiosos dos antigos.

Para a Macrobiótica o ambiente e o ser humano são inseparáveis. O ambiente lhe fornece os alimentos físico, mental e espiritual, e o ser humano, por sua vez, alimenta seu ambiente. Homem e ambiente são um só. Para manter a harmonia entre os dois, é preciso consumir os alimentos que crescem naturalmente no nosso meio e não fora dele (TEENGUARDEN, 1977, p. 5).

Isso faz todo o sentido também do ponto de vista da biosfera (física moderna), pois, a terra é não só um sistema aberto em termos energéticos (já que a vida se sustenta através da absorção de baixa entropia² solar), como também um sistema estável do ponto de vista material, já que a sustentabilidade da biosfera se baseia justamente na sua capacidade de reciclagem material, opondo-se à entropia material (ROEGEN, 1971; GOIDSMITH, 1992, apud. STAHEL, 1995, p. 105-6).

O vegetarianismo é um regime alimentar que exclui da dieta todos os tipos de carne animal - carneiro, porco ou ovelha,

peixe e frutos do mar em geral, frangos e qualquer tipo de ave etc. - bem como alimentos dela derivados. É baseado fundamentalmente no consumo de alimentos de origem vegetal, com ou sem o consumo de laticínio e/ou ovos.

Mais do que a macrobiótica, o vegetarianismo é bastante difundido no Ocidente. Interessam-nos ressaltar, aqui, as razões éticas e ecológicas do vegetarianismo.

O vegetarianismo tem sua origem na tradição filosófica indiana, que chega ao Ocidente na doutrina pitagórica. Em suas raízes indianas, o vegetarianismo está ligado à noção de pureza e contaminação, não corresponde à ideia de respeito aos animais. O nascimento de uma sensibilidade em relação ao direito à vida dos animais, que condena o consumo de carne por motivos morais ou solidários é muito recente na história da humanidade, data do século XIX em alguns países da Europa³.

Contudo, o vegetarianismo ético, que visa ao respeito pela vida animal, teve origem na Antiguidade. Para um vegetariano, não é justo tirar a vida a um animal para alimentar uma pessoa, especialmente quando a vida dessa pessoa não depende da vida do animal. Portanto, os animais e os seres humanos devem coexistir respeitosamente. As razões ecológicas do vegetarianismo também estão ligadas à ideia de racionalização na utilização dos recursos naturais para obtenção de alimentos. Um vegetariano reduz um elo da cadeia alimentar tornando-a mais eficiente e, conseqüentemente, reduz o impacto ambiental da sua alimentação. As frutas, os cereais e os vegetais exigem 95% menos de matérias-primas para serem produzidos. É necessária muito mais energia fóssil para produzir e

² Entropia é uma grandeza do domínio da termodinâmica, ciência que trata das transformações de energia em sistemas físicos macroscópicos e uma das principais teorias que sustentam a noção atual de matéria. (Na seção 3. p. 7 voltaremos a esta questão).

³ Disponível em: <wikipedia.org/wiki/Vegetarianismo>.

transportar carne do que para produzir uma porção idêntica de proteínas de origem vegetal. Para se produzir 1 caloria de proteína a partir de feijões de soja são necessárias 2 calorias de combustível fóssil, enquanto que para se produzir 1 caloria de proteína a partir de um bife, são necessárias 54 calorias de combustível fóssil.

As motivações religiosas são, muitas vezes, revestidas de grande complexidade. Budistas, hindus, cristãos, rozacruz, teosofistas e adventistas do sétimo dia, são tipicamente conotados com o vegetarianismo, mas as motivações não são necessariamente imposições religiosas (isto é, comer carne não é necessariamente visto como um pecado, por exemplo). Muitos budistas preferem a dieta vegetariana porque defendem a não violência, o que é, portanto, uma motivação ética. Muitos adventistas escolhem e aconselham a dieta vegetariana porque a vêem como mais saudável e, portanto, vantajosa para o corpo terreno.

Segundo a interpretação encontrada na Wikipédia a motivação adventista⁴ para adoção do vegetarianismo seria puramente a saúde do corpo. Pelo pouco que sei da tradição bíblica, o cuidado com o corpo físico é um dos caminhos indicados para a purificação do espírito, visto que a gula é um dos pecados capitais.

A maioria das tradições esotéricas recomendam aos iniciados evitar o consumo de proteína animal (especialmente, as sociedades esotéricas), especialmente o consumo de carne vermelha, principalmente nos dias que antecedem os rituais de purificação e ou de

cura, como na umbanda e no kardecismo (SILVA, 2000).

É interessante ressaltar que, antes do ano 1500, no Ocidente, assim como no Oriente, a visão de mundo era orgânica, caracterizada pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade. Baseada em outros sistemas de valores, a sociedade ocidental moderna transformou completamente essa realidade. Na visão dualista e mecanicista de mundo dominado pelo sistema capitalista de produção, a sociedade ocidental moderna tornou-se consumista, imediatista e individualista. Não se leva mais em consideração o bem comum (PINTO, 2004, p. 18-19). De fato, como observa Carvalho (2005 p. 24):

Inegavelmente, o materialismo e o mecanicismo contribuíram para a constituição de uma lógica e de um habitus reforçador da ideia da natureza submissa à vontade humana e passível de controle, respectivamente, como reunião diversificada de matérias primas ou de uma grande máquina a seu serviço (CARVALHO, 2005, p. 24).

⁴ Infelizmente, nada encontrei de específico sobre o vegetarianismo adventista. Sei, por observação e visitas a um entrepostos naturalista, que estes aprendem a fazer conservas e a preservar sementes para possíveis necessidades futuras.

3 A visão dualista e mecanicista de mundo

A visão de mundo e o sistema de valores que formam os alicerces da cultura ocidental moderna foram formulados nas teorias que compuseram a Revolução Científica (RC), nos séculos XVI e XVII. Antes de 1500, a visão de mundo era orgânica, caracterizada pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade (segundo Durkheim uma sociedade onde predominava a solidariedade mecânica e em Weber uma sociedade onde predominam os valores tradicionais) (PINTO, 2004, p. 18-19).

De acordo com a visão científica ocidental moderna, somos superiores à natureza e essa visão nos concede o direito de dispor dos animais e da natureza como bem o desejarmos. Ao contrário dos zen-budistas, ao invés de respeitarmos e compreendermos a natureza, desejamos utilizá-la para nossos menores caprichos.

Os animais produzidos pela indústria agropecuária moderna são confinados em pequenos espaços, alimentados de forma artificial e tratados, por vezes, de forma brutal durante o transporte ou antes do abate.

Pode parecer estranho à primeira vista, mas a forma científica de interpretar o mundo e a relação ser humano/natureza, também teria sido inspirada no pensamento religioso. É nesse sentido, que Lynn Whithe Jr. (2003) afirma que a raiz do nosso problema ecológico continua sendo religiosa. Em *As raízes históricas de nossa crise ecológica*, ele denuncia o caráter antropocêntrico do Cristianismo e seus efeitos funestos sobre o meio ambiente. Diz ele:

O Cristianismo, em contraste absoluto com o antigo paganismo e religiões da Ásia (exceto, talvez o Zoroastrismo), não só estabeleceu um dualismo entre homem e natureza, como também insiste que é a vontade de Deus que o homem explore e natureza para seus próprios fins (WHITHE JR. 2003, p. 144).

O fato é que nenhuma civilização conhecida promoveu tanta devastação no meio ambiente quanto a sociedade capitalista ocidental Moderna. A degradação ambiental hoje se constitui num dos mais graves problemas a ser enfrentado pela humanidade. As práticas danosas ao meioambiente atingem também a saúde e o bem estar humanos. A poluição ambiental, a prática do uso de agrotóxicos e os alimentos artificiais destroem a saúde humana, tornando-se um ciclo vicioso.

Em *Capitalismo e entropia*, os aspectos ideológicos de uma contradição e a busca de alternativas sustentáveis, Stahel (1995 p. 105) discute a sustentabilidade do ponto de vista da economia, inserindo na análise da sustentabilidade uma discussão mais ampla, quanto à própria sustentabilidade do sistema industrial-capitalista, - ou a "solubilidade do capitalismo na questão ecológica" no dizer de Castoriadis - , à luz da importante concepção de Georgescu-Roegen (1971) acerca da entropia no processo econômico.

Nesse estudo, ele decompõe o sistema capitalista em suas premissas básicas, para demonstrar que em sua essência, o capitalismo é incompatível com a sustentabilidade. A primeira é a quantificação, inerente a uma sociedade regida pelo mercado e não mais pela tradição; a segunda, é a reversão da categoria tempo, o rompimento do tempo circular e a

conseqüente aceleração de tempo. Esse procedimento, afirma ele, permite aclarar alguns aspectos fundamentais que tem sido frequentemente ignoradas em discussões que não tomam a questão em sua verdadeira dimensão histórica. Sobretudo, lança luz sobre a questão política que emerge como central a toda busca de desenvolvimentos sustentáveis, uma vez que uma sociedade sustentável depende, antes de tudo de uma reconstrução política total da sociedade contemporânea.

O exemplo mais claro de insustentabilidade do atual sistema talvez seja encontrado na moderna agricultura comercial: enquanto nos processos naturais e na própria agricultura tradicional nós assistíamos a processos cíclicos, que asseguravam a resistência frente à degradação entrópica, na moderna agricultura comercial este ciclo foi quebrado. Antes, o ciclo material se fechava a nível local crescimento das plantas e transformação material com ajuda da fotossíntese, levando a um consumo que resultava em dejetos materiais reciclados localmente. Já a agricultura moderna, só se sustenta pelo uso contínuo de insumos de baixa entropia (fertilizantes), trazidos de longas distâncias, compensando a exportação de baixa entropia resultante da exploração agrícola. Consumida fora do ecossistema local, essa produção no outro extremo da cadeia, transforma-se em lixo e esgotos: alta entropia. Enquanto antes a vida se sustentava e se afirmava frente à ação da entropia, hoje se observa uma aceleração da degradação entrópica pela ação humana, produzem-se novos materiais e novas estruturas a uma tal velocidade que não há mais organismos capazes de decompor e reciclar tais produtos. Rompem-se as cadeias circulares materiais,

residindo aí a explicação profunda incapacidade de uma reciclagem dentro do quadro capitalista industrial e assim uma insustentabilidade inerente desse sistema, já que toda reciclagem industrial tem o seu custo entrópico em termos materiais e energéticos. A passagem para fontes de energia mais renováveis certamente permitiria reduzir a velocidade da degradação entrópica, sendo, nesse sentido, apenas um paliativo, pois a degradação entrópica é irreversível (STAHEL, 1995, p. 114).

Stahel (1995, p. 105 -108), sustenta que a atual crise ambiental e a busca de um desenvolvimento sustentável tornam urgente a inclusão da problemática da entropia no pensamento econômico, uma vez que o que ameaça a sustentabilidade do processo econômico é justamente a base material que lhe serve de suporte, bem como a capacidade do meio ambiente de absorver a alta entropia resultante do processo. Pois enquanto a primeira lei da termodinâmica afirma que em um sistema fechado a quantidade total de energia e matéria é invariável (sendo compatível com o paradigma mecanicista) a segunda lei da termodinâmica, ou lei da entropia, ao apontar para um movimento irreversível, unidimensional e para uma alteração qualitativa, põe em cheque a física mecânica e a visão circular, reversível e puramente quantitativa do movimento. Para ele, um dos problemas fundamentais para a análise econômica do capitalismo é a ligação da ciência econômica com o paradigma mecanicista. Tal filiação epistemológica, diz ele, estaria na origem do crescente distanciamento da ciência econômica da realidade concreta, sobretudo no que se refere à sua negligência frente à base material do

próprio processo econômico e, assim, da sua incapacidade de dar conta do aspecto histórico e irreversível do processo de desenvolvimento. Enquanto em outras culturas os critérios de sanção social responsáveis, por exemplo, pela adoção ou não de uma nova tecnologia, eram calcados em parâmetros qualitativos (culturais, éticos e religiosos, como o são as tradições, as crenças míticas, os valores comunitários etc.); no capitalismo, tal desenvolvimento vai ser sancionado e dirigido pelas forças de mercado, pela capacidade de gerar lucros. Ou seja, enquanto em outras sociedades o próprio crescimento econômico e tecnológico estava sujeito a um controle político da sociedade, no capitalismo, tal desenvolvimento pode buscar sua livre expansão no mercado, dirigido e sancionado pela concorrência econômica. Do controle qualitativo passamos à primazia do controle quantitativo. Contudo, a biosfera, como um todo, assegura a sua sobrevivência pela busca constante de estabilidade e da manutenção do nível de baixa entropia. Esta capacidade de resistência frente à degradação entrópica e a manutenção do nível da estabilidade do sistema biosférico repousam em sua capacidade de reciclagem. É por não ser um sistema fechado do ponto de vista energético que a vida sobre a terra conseguiu manter-se frente à degradação entrópica por mais de três bilhões de anos. A degradação entrópica do ponto de vista energético é mais do que compensada pela contínua absorção e baixa entropia solar, sendo também esta energia que permite a permanente retransformação e a reciclagem (STAHHEL, 1995, p. 112).

Para ele, discutir a questão ecológica sem discutir os fundamentos materiais, institucionais, culturais da nossa sociedade

resulta em discurso vazio. Ao chamar a atenção para a base material do sistema industrial capitalista de produção, apontando sua insustentabilidade inerente, procura mostrar as limitações das análises voluntaristas quanto à sustentabilidade, que definem modelos abstratos de “desenvolvimentos sustentáveis” ao mesmo tempo em que “ignoram a realidade histórica, a própria base de aplicação destes modelos” (STAHHEL, 1995, p. 125).

Tal como Stahel, Whithe Jr. também duvida de que o desastroso retrocesso ecológico de hoje possa ser evitado simplesmente aplicando mais ciência e mais tecnologia. Nossa ciência e tecnologia desenvolveram-se a partir de atitudes cristãs, afirma ele. A esse respeito, Whithe Jr. (2003, p. 148) é taxativo: “mais ciência e mais tecnologia não vão nos fazer superar a crise ecológica do nosso tempo, até que encontremos uma nova religião ou repensemos as antiga”.

Para ele, devemos continuar a ter a pior crise ecológica até que rejeitemos o axioma cristão de que a natureza não tem outra razão de existência afora servir o homem. Desde que a raiz do nosso problema é tão amplamente religiosa, afirma, o remédio deve ser essencialmente religioso, quer o chamemos assim ou não (WHITHE JR, 2003, p. 150-151).

Na opinião de Stahel (1995, p. 126), a busca de modelos sustentáveis requer uma visão holística da realidade, capaz de integrar os requerimentos materiais da sustentabilidade (equilíbrio físico-químico-biológicos) à compreensão do funcionamento histórico da sociedade humana. Tal integração, segundo ele, deve estar aliada a uma redefinição política da nossa sociedade atual e do seu modelo de civilização, bem como de um

trabalho de consciência individual de integração da psique pessoal, capaz de gerar ações rumo à mudança. Essa opinião hoje é compartilhada por inúmeros estudiosos e religiosos no Brasil e no mundo que, de várias maneiras, empreendem ações nesse sentido.

No Brasil, inúmeros religiosos e profissionais de diversas áreas se dedicam à questão ambiental considerando-a também em seus aspectos 'espirituais'. Diferentes denominações, em toda parte, realizam encontros, debates e empreendem ações no sentido de esclarecer, educar e encontrar explicação e soluções para as questões ambientais e humanas a ela relacionadas. Segundo informa Musa (2005, p. 8), mestra em Engenharia Ambiental, as sugestões de educação ambiental apontadas pelos líderes religiosos no encontro "Meio Ambiente e Religião: uma leitura a partir das denominações religiosas cristãs da sub-bacia do Ribeirão Araranguá", indicaram ações de cunho não-formal como aquelas mais efetivas, podendo-se aproveitar os próprios materiais informativos já existentes e utilizados pelas denominações e/ou grupos religiosos estudados, que deverão ser desenvolvidas pelos líderes religiosos, juntamente com a comunidade da Sub-bacia do Ribeirão Araranguá.

O I Encontro Para a Nova Consciência de Campina Grande (PB), em fundado em fevereiro de 1992 é um exemplo significativo deste tipo de iniciativa. De acordo com o estatuto de fundação, seu objetivo é "promover o Ecumenismo como forma pacífica e moderna de chegar à paz"; "analisar os textos básicos das grandes tradições voltadas para a espiritualidade, focalizando sua convergência e complementaridade com as ciências de

vanguarda"; "apresentar ao grande público formas de buscar o equilíbrio corpo-mente-espírito, através da alimentação e de vários métodos e técnicas de inspiração oriental como o ioga, a meditação, homeopatia, as terapias naturais e outras formas culturais antes desconhecidas ou desvalorizadas na cultura ocidental e que começaram a ser resgatadas a partir da década de 60, por serem naturais, preventivas e de baixo custo" (SILVA, 2000, p. 225-6).

Para Jair Donato⁵, por exemplo, o pensamento religioso tem importância secular na cultura dos povos do mundo inteiro. Assim como se aplicam na atualidade vários preceitos religiosos no mundo dos negócios, nos relacionamentos e na administração, convém que seja possível também tirar o máximo desses ensinamentos propostos para que o homem adquira mais consciência na relação com o meio ambiente natural. Essa pode ser uma 'salvação' coerente do 'aqui e agora', afirma ele.

Em setembro de 1986, em Assis, na Itália, o Fundo para a natureza (WWF)⁶ lançou sua 'Rede de Conservação e Religião', reunindo líderes ambientais com líderes religiosos, representando Budistas, Cristãos, Hindus, Judeus e Muçumanos. Cada uma das cinco religiões lá representadas emitiu uma declaração sobre a natureza. Desde então, as religiões Bahá'í e Sikh juntaram-se a essa nova aliança e apresentaram suas próprias declarações em apoio aos objetivos da Rede. O Encontro Para a Nova Consciência de Campina Grande - PB a ele aderiu no mesmo ano.

⁵ Jair Donato é jornalista em Cuiabá, consultor de desenvolvimento de pessoas, professor universitário, especialista em Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida. Em Religião e Meio Ambiente.

⁶ Disponível em: <<http://www.bahai.org.br/emap/EmaNatu.htm>>.

Na opinião de Antje Heider-Rottwilm⁷, representante da igreja evangélica alemã no encontro ‘Religiões e Culturas: a Coragem de um Novo Humanismo’:

Nas religiões, a escolha final pode ser “mudar nosso estilo de vida e gozar com o que nos dá a natureza, ou nos tornarmos mais consumistas e destruir a criação”.

4 Reflexões finais

Como demonstrado, as antigas tradições religiosas, reconhecidamente, não apenas constituem uma fonte inesgotável de conhecimento para orientação e compreensão das ações humanas, como continuam a ser importantes na cultura secular dos povos do mundo inteiro.

As visões de mundo acerca da relação ser humano/natureza presentes nas tradições ancestrais, mostraram que estas não são apenas muito instrutivas e esclarecedoras da realidade humana e material, como eficazes em sua aplicação na exploração dos recursos naturais alcançando efeitos profundos e duradouros na preservação ambiental. O homem moderno está pagando um preço muito elevado por ter subestimado esta tradição.

Evidenciamos também a convergência de pensamento entre os diversos pensadores aqui discutidos a respeito da atual crise ambiental, mostrando que não diferem no que se refere ao reconhecimento do valor do saber religioso.

Não diríamos, como Whithe Jr., que a raiz do nosso problema é religiosa. Ela é humana mesmo e essencialmente moderna. Resulta do desprezo da tradição e de valores essenciais como ética, compaixão e respeito ao próximo, no sentido mais amplo e profundo - inclusive à própria natureza - em proveito da suposta superioridade humana sobre os demais - inclusive os próprios humanos. Entretanto concordamos com ele, quando afirma que o remédio possa ser buscado na sabedoria antiga. É o que estamos fazendo no momento.

Uma vez que os valores mais elevados da humanidade estão contidos nos antigos preceitos religiosos e filosóficos relativos à ética e à moral, argumentamos que o conhecimento científico ocidental moderno, o meio ambiente e os seres vivos em geral, teriam muito a ganhar, se todos aqueles preocupados com as questões ambientais considerassem mais seriamente os ensinamentos ancestrais a esse respeito, para descobrir as razões pelas quais esses ensinamentos foram estabelecidos.

⁷ Declaração ao Terramérica de Antje Heider-Rottwilm, em Milão (janeiro de 2014), onde Antje e outros religiosos e acadêmicos discutiram o assunto. www.ipsnoticias.net/portuguese/.../a-fe-tambem-afeta-o-meio-ambiente/

Referências

- BOMTEMPO, Márcio. **Introdução à macrobiótica** & Dieta dos dez dias 2ª ed. Rio de Janeiro: 1977.
- CARVALHO, Vilson Sérgio. **Raízes da Ecologia Social**: o percurso interdisciplinar de uma Ciência em Construção. 2005, 224 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Comunidades e Ecologia Social – Instituto de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2005.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Ed. Perspectivas do Homem; Edições 70, 1969.
- FERREIRA, M. V. **O que é acupuntura**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MUSA, Cristiane Inês; OLIVEIRA, Lílian Blank de; VIEIRA, Rafaela. Educação Ambiental Religião: percepções e perspectivas a partir das denominações religiosas cristãs da Sub-Bacia do Ribeirão Araguaia. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Blumenau: v. 16, p. 82, 2006.
- OHSAWA, Nyoiti. **O câncer e a filosofia do Extremo Oriente**. 4. ed. Porto Alegre: Assoc. Macrobiótica Portoalegrense, 1977.
- SILVA, Magnólia Gibson C. da. **Esoterismo e Movimento Esotérico no Brasil**. 2000, 345f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Centro de Ciências Humanas e Filosofia, 2000.
- _____. Movimento macrobiótico: a busca da harmonia entre ser humano e natureza. **Religare**: Revista de Ciências das Religiões. João Pessoa, Ano I – nº 2, p. 87-97, 2007.
- PINTO, Rogélia H. **Prática de rezadeiras sob o olhar de uma enfermeira à luz da história oral de vida**. 2004, 91f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de João Pessoa. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Centro de Ciências da Saúde, 2004.
- STAHEL, Andri Werner. Capitalismo e entropia: os aspectos ideológicos de uma contradição e a busca de alternativas sustentáveis. In: Clóvis Cavalcante (Org.) **Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995. p. 104-126.
- TEENGUARDEN, Iona. **Liberdade através da alimentação macrobiótica**. Rio de Janeiro: Ed. Ground, 1977.
- Vegetarianismo. Origem: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Vegetarianismo.
- WHITHE JR. Lynn. As raízes históricas de nossa crise ecológica. In: Maristela Oliveira de Andrade (Org.) **Milenarismos e utopias**. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2003. p. 135-151.

Artigo recebido em 24 de outubro de 2013.

Aprovado em 09 de dezembro de 2013.